

PESCA E APRENDIZAGEM
GESTAÇÃO E METAMORFOSE
NO ESTUÁRIO
DO AMAZONAS

PESCA E APRENDIZAGEM:
GESTAÇÃO E METAMORFOSES
NO ESTUÁRIO
DO AMAZONAS

CARLOS EMANUEL SAUTCHUK

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASIL
LABORATÓRIO DE IMAGEM E REGISTRO DE INTENÇÕES SOCIAIS (IRIS/DAN/UNB)

Na Vila Sucuriju, situada na costa do Amapá, região do estuário do Amazonas, os pescadores dedicam-se a duas atividades especializadas. Nos lagos, o sucesso da captura do pirarucu em canoas a remo, usando o arpão, depende do acoplamento desta arma ao corpo do arpoador e de sua relação intersubjetiva com o peixe e o *dono*, espírito que controla os animais. No mar, é central a disposição do pescador para uma adaptação corporal penosa ao serviço embarcado, onde ele se associa de modo flexível e dinâmico a instrumentos, cordas, os demais tripulantes, o motor e o fluxo da maré. As aprendizagens destes ofícios masculinos evoluem de maneira particular – longa e progressiva nos lagos, repentina e intensa na costa. Além disso, quando perguntados por sua formação, os laguistas ressaltam o ensinamento de um arpoador mais velho, enquanto o pescador costeiro indica os barcos que tripulou.

Os laguistas estão desde muito novos na canoa de um tutor masculino (pai, tio ou irmão), onde são englobados pelo sistema de percepção e de ação do arpoador mais experiente, que se dedica a sua aprendizagem. Ele cresce com um arpão à mão, desenvolvendo-se conjuntamente à arma, e sai desse sistema para sua própria canoa quando reúne os atributos necessários. Unicamente após amadurecer durante quase uma década no interior do sistema de outro arpoador é que um laguista pode alcançar uma vida autônoma, ao cabo de um processo similar a uma longa gestação.

Já os pescadores costeiros vivem a expectativa do embarque para as expedições de pesca durante a infância e o início da adolescência, quando voltam suas atenções

intensamente aos barcos, observando, desenhando, construindo miniaturas etc. Na adolescência, as primeiras viagens são espécies de ritos de iniciação, com um caráter de desafio, muito penosos e sem o apoio da família ou qualquer relação professoral mais direta. As disposições corporais do garoto devem ser profundamente alteradas por essa experiência inicial no trabalho (mãos grossas, equilíbrio etc.). Fica marcado assim o ritmo das passagens entre a terra e o barco, prenunciando as constantes metamorfoses em que ele estará implicado ao longo da vida.

NOTA

As imagens aqui exibidas compuseram ensaio agraciado com menção honrosa no Prêmio Pierre Verger 2012, da Associação Brasileira de Antropologia. Mais informações e imagens encontram-se em meus trabalhos anteriores, como: O arpão e o anzol: técnica e pessoa no estuário do Amazonas (Vila Sucuriju, Amapá), Tese de Doutorado em Antropologia Social, Universidade de Brasília, 2007; e Laguistas et pescadores: l'apprentissage de la pêche dans une région côtière de l'Amazonie (Vila Sucuriju, Brésil). *Techniques et culture*, v. 45, pp. 161-186, 2005. Os fotogramas desta pesquisa foram registrados com câmera fotográfica Nikon N60, lente 28-80, em filmes preto e branco TriX, Tmax e HP5, de sensibilidade ISO 400.

E-mail do autor: cemanuel@unb.br



Figura 1 – As dimensões e o potencial agressivo da arma desenvolvem-se com a criança. A permissão para dotar seu arpão de uma ponta em metal é o signo decisivo de amadurecimento – do auto-controle de suas capacidades ofensivas. [Luciano]



Figura 2 – Enquanto incrementam sua intimidade com o arpão, os pequenos laguistas brincam submersos, colocando-se na posição do peixe, experimentando através dessa inversão os modos de deslocamento e de percepção do animal. [Roni]



Figura 3 – Quando alcança certa autonomia motora, por volta dos cinco anos, a criança integra as expedições ao lago, de várias semanas, sob os cuidados de um tutor masculino. A aprendizagem neste ambiente se inicia muito cedo e dura cerca de uma década. [Canti e seu filho Roque Júnior]



Figura 4 – O engajamento no trabalho dos lagos ocorre desde o início e evolui paulatinamente. Enquanto Antenor lanha a manta de um pirarucu, seu filho caçula Passarinho brinca de pescar piranhas sob a palafita e Agenor, mais velho, processa peixes pequenos.



Figura 5 – A experimentação lúdica nos lagos é incentivada e tem outros pescadores como espectadores. Estes comentam jocosamente, em tom de desafio ou menosprezo, o desempenho das crianças e jovens, que reagem no mesmo tom, formando uma interação agonística acerca dos predicados viris de um arpoador. [Passarinho]



Figura 6 – Os garotos experimentam a proa da canoa sob orientação muito próxima de seu tutor, que corrige e dá indicações para a captura de pequenos peixes. Neste momento ele aprende a detectar o peixe, mas sobretudo a notar o que o peixe pode perceber, como a canoa ou o arpão viajando em sua direção. [Macó e seu filho Antônio]



Figura 7 – O jovem tem a oportunidade de atuar em condições semelhantes à de um arpoador, pois a atividade se organiza em prol de sua formação, havendo inclusive momentos ritualizados para tal. Assim, ele conta com auxílio em seus primeiros encontros com o pirarucu, que é mais *velhaco* do que ele. [Roni, seus tios Magrinho e Antenor e o primo Passarinho, da esquerda para a direita]



Figura 8 – Prestes a assumir sua própria canoa e arpão, os jogos lúdicos dão lugar a demonstrações mais circunspectas com o arpão, buscando apurar a destreza deste gesto altamente sofisticado e afirmar diante dos demais a sua autonomia iminente. [Alan]



Figura 9 – Apesar de totalmente alheios à experiência embarcada, durante a infância os filhos de pescadores costeiros vivem intensamente a relação com o barco e com a água, exercitando antecipadamente o tipo de relações em que estarão envolvidos no futuro. [David]



Figura 10 – O barco é elaborado de inúmeras formas na vida dos pescadores costeiros. Esta bricolagem lida preferencialmente com as características diretamente acionadas e valorizadas na pesca, como o torque, a potência e o ruído do motor. [miniatura fabricada por Cocada]



Figura 11 – Os movimentos, manobras, formas dos barcos são exaustivamente explorados nos jogos e brincadeiras, empregando o vocabulário náutico e envolvendo os corpos dos pequenos navegantes em ações análogas às executadas na pesca. [Eliel, Elian e Rodrigo]



Figura 12 – A mimese do barco não é voltada para a forma, mas para os atributos e relações. A habilidade para lidar com o fluxo da água é crucial nas elaborações imaginativas e ocupa o centro das brincadeiras dos pequenos. [Nazareno, Pedro e Fábio]

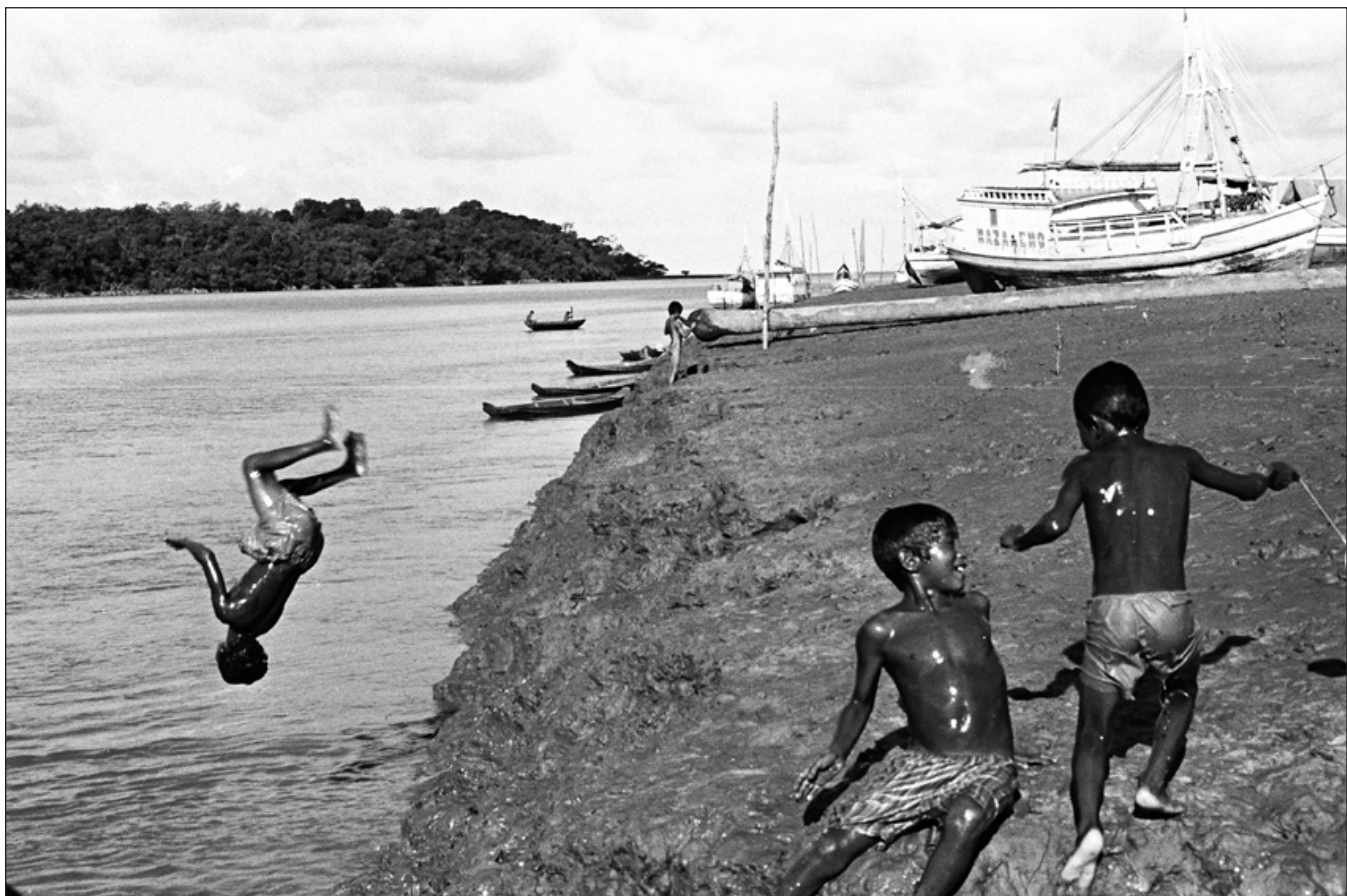


Figura 13 – A exploração da água é intensa e assume formas variadas, compondo uma infância anfíbia, que toma a passagem água-terra como um modo de existência. [Roni, Antônio e Pítico]



Figura 14 – Quando se aproxima o tempo de embarcar na atividade pesqueira, o jovem passa a freqüentar as saídas dos barcos, permanecendo a bordo até a boca do rio, quando salta para se entregar ao fluxo intenso da maré enchente. Esta manobra destemida o traz de volta da boca do rio até a vila, ao tempo que incrementa seu prestígio frente aos colegas e pescadores. [Douglas]



Figura 15 – Em suas primeiras viagens, o neófito vive desafio penoso e crucial, em que prova ser capaz de exercer este ofício. Espécie de rito de passagem, esse envolvimento sem mediações pedagógicas na dinâmica do trabalho é que adéqua seu corpo à vida embarcada. As mãos habituadas à casa e à escola transformam-se dolorosamente em garras, através do contato com o sal e a tensão de linhas e cordas. [Pablício]